

Tradução de Poesia

Poetry Translation

Cláudia Tavares Alves¹

DOI 10.52050/9786586030600.c8

Especulações iniciais

Há uma conhecida citação do poeta norte-americano Robert Frost em que ele teria dito algo mais ou menos assim: a poesia é aquilo que se perde na tradução². A referência a Frost é recorrente em artigos e livros sobre poesia e tradução e, especificamente no caso dos estudos realizados no Brasil, aparece em pelo menos dois dos textos fundamentais sobre o tema: no livro *Oficina de tradução: a teoria na prática* (2007), da pesquisadora e professora Rosemary Arrojo, e no artigo “A poesia é traduzível?” (2012), do poeta e tradutor Ivan Junqueira. Nos dois casos, no entanto, a lembrança de tal afirmação de Frost funciona como uma espécie de escada contra argumentativa para se chegar às respectivas reflexões desejadas sobre tradução – isto

1 Professora Substituta do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras – Letras Italiano, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: <clautalves@gmail.com>.

2 A citação teria aparecido originalmente em uma entrevista dada por Frost, na qual, quando confrontado sobre o que seria poesia, o poeta teria respondido: "I like to say, guardedly, that I could define poetry this way: it is that which is lost out of both prose and verse in translation". Ela aparece, dessa forma, no volume *Conversations on the Craft of Poetry* (New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1961, p. 7). Arrojo (2007, p. 26, nota 1), por sua vez, recorda a citação a partir de uma fala de Donald Davie, em uma conferência sobre tradução ocorrida entre 1967 e 1968 na Universidade de Essex, Inglaterra.

é, pensando em tradução literária e, especificamente, na tradução poética, é possível concordar com Frost quando pensamos que algo irá se perder na passagem de uma língua para outra; porém, ainda assim, seria possível alcançar uma experiência estética interessante por meio de poemas traduzidos, reconhecendo-lhes, para além das perdas inerentes ao processo tradutório, ganhos poéticos de outra ordem.

Frost, enquanto poeta, estaria interessado em definir o que é poesia e, por isso, em sua citação, o autor parece estar fixando a essência poética em algo que seria incapturável pela língua, atribuindo ao texto poético qualidades que escapariam ao uso ordinário das palavras. Em certo sentido, a concepção pressuposta de tradução que subjaz em sua declaração é a de que a tradução seria uma atividade de decodificação entre línguas e tudo aquilo que não seria textualmente material não poderia ser transponível de uma língua a outra. Arrojo e Junqueira, por outro lado, estão interessados em pensar a prática de tradução e, nesse sentido, reajustam a mira de suas reflexões ao recuperarem a citação de Frost para demonstrar que traduzir é entrar em um jogo em que tanto as perdas, quanto os ganhos constituirão a experiência que se pretende recriar em outra língua.

Haveria algo invisível na poesia que não seria língua, algo que não poderia ser traduzido transparentemente, seguindo a lógica de Frost. Entretanto, o que o poeta parece não se dar conta é de que a prática da tradução não se realiza apenas a partir das dimensões mensuráveis da língua. Pelo contrário, ela em geral se debruça também sobre um conjunto de sentidos simbólicos construídos pela, com, na língua, os quais extrapolam os contornos rígidos da palavra denotativa.

No momento em que elaboro tal ideia, imediatamente me voltam à memória as palavras do professor e tradutor Eric Mitchell Sabinson, ditas durante sua apresentação no lançamento de traduções a poemas de Gerard Manley Hopkins, em 2018:

A gente não traduz língua, a gente traduz obra. Se você tiver a obra dentro de você, as palavras em português vão aparecer. Se a obra não estiver dentro de você, o tradutor é um escrivão, um amanuense. Se a obra não estiver dentro do seu coração, você estará fazendo um trabalho extremamente mecânico – e o leitor vai saber e vai morrer de tédio³.

O que Sabinson parece estar dizendo é que, na prática da tradução literária, devemos atentar não só para a língua do material traduzido, mas também para esse conjunto invisível de coisas que nos tocam o coração durante a leitura. A tradução, em especial a tradução de poesia, não poderá ser um simples exercício mecânico a ser cumprido por um escrivão, sobretudo se quisermos que o poema em língua traduzida ultrapasse as dimensões da língua e se torne ele mesmo uma obra, assim como o poema original.

De acordo com Giorgio Agamben, em “Che cosa resta?” (2017), a poesia é a língua que resta quando todas as funções da linguagem parecem destituídas de si e, portanto, não há mais nada a dizer. Assim, a poesia seria “o indestrutível que resta e resiste a toda manipulação e toda corrupção (...), a língua que pode ser infinitamente destruída e, todavia, permanece; assim como alguém disse que o homem é o indestrutível que pode ser infinitamente destruído”⁴ (s/p; tradução minha). Conjecturando com essa imagem e partindo do princípio de que a poesia é a língua que permanece mesmo quando infinitamente golpeada e saqueada por certos usos, será preciso ter em mente que, se quisermos traduzir poesia, será imprescindível lembrar que a língua poética está debruçada sobre a trama invisível e indestrutível

3 O evento Bate-papo sobre Tradução e Lançamento do livro *O Hábito da Perfeição* ocorreu em 19 de abril de 2018 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. A gravação se encontra disponível em: <<https://youtu.be/R5FUO74789M>>.

4 “Credo piuttosto che la lingua della poesia sia l'indistruttibile che resta e resiste a ogni manipolazione e a ogni corruzione (...), la lingua che può essere infinitamente distrutta e tuttavia rimane, così come qualcuno ha scritto che l'uomo è l'indistruttibile che può essere infinitamente distrutto.”

que a constitui enquanto poema, transformando-o em obra, como definiu Sabinson.

Contudo, se por um lado o poeta pode ser considerado um fingidor, alguém que com essa língua é capaz de criar qualquer mundo que seja humanamente imaginável, por outro ponto de vista, dificilmente quem traduz poesia poderá fingir que foi tocado por um poema que não lhe afetou verdadeiramente. Por isso, quem traduz poesia é, antes de tudo, um bom leitor, uma boa leitora – e, nos melhores casos, enquanto estiver traduzindo se tornará também um pouco poeta.

Essas especulações iniciais nos levam a pensar que a questão da tradução tenderá a se particularizar quando pensarmos na tradução de poesia e em todas as implicações envolvidas nesse exercício. Isso porque a poesia é, por definição, o espaço em que a palavra pode (embora não necessariamente precise) ser subvertida, construindo sentidos que podem significar tudo, inclusive seu próprio contrário. Aqui, estamos em um terreno em que o balanço entre significante e significado não necessariamente se sustenta. E se existe, portanto, uma dificuldade inerente ao tipo textual em questão, o tradutor, a tradutora de poesia deverá ser capaz de levantar essas ponderações se quiser realizar com eficácia a passagem de uma língua para outra – ou, mais do que isso, proporcionar uma experiência de leitura que possa recriar o *efeito* do poema em língua original, língua de partida, na língua de chegada.

Tendo em mente tais reflexões, apresento a partir daqui uma análise da prática de tradução de poesia que pressupõe a ideia de que todo texto poético é, então, traduzível, ainda que tal exercício seja sempre permeado por dificuldades, desafios, entraves, nós por vezes indissolúveis. Mas se a poesia é feita de linguagem, indestrutível uso da língua que nos faz lembrar da própria indestrutibilidade humana, então a tradução de poesia poderá ser entendida como mais uma camada que adicionamos a essa constituição: um poema que encontra um leitor, uma leitora e que o mobiliza a ponto de despertar

seu interesse por traduzi-lo é, sem dúvida, um poema que merece ser traduzido. Por isso traduzir, nesse sentido, só poder ser melhor do que não traduzir.

Tradução de poesia na prática: uma proposta de oficina

Esta análise tem como objetivo descrever e refletir sobre a prática de tradução poética a partir da oficina “Tradução de poesia”, realizada em 08 de dezembro de 2020, no âmbito do VI Encontro *E por falar em tradução*, e ministrada por mim. A atividade contou com a participação de cerca de 15 pessoas, de maneira virtual, utilizando a plataforma Google Meet, e durou aproximadamente 2 horas. Não havia, a priori, determinações em relação às línguas que seriam abordadas nos exercícios (ainda que eles fossem propostos majoritariamente em inglês e italiano) ou mesmo em relação ao nível linguístico esperado de cada participante. A intenção principal da oficina era, assim, agregar pessoas com origens e conhecimentos diversos, que tivessem ou não experiências prévias com traduções de qualquer tipo. O único requisito era, por conseguinte, que os participantes se interessassem particularmente por tradução de poesia.

Na ocasião, a oficina foi estruturada ao redor de 3 blocos de atividades: um primeiro momento de apresentação e discussão geral sobre as particularidades da tradução de poesia; um segundo momento de exposição de traduções diversas de alguns poemas selecionados; e, finalmente, um terceiro momento dedicado à prática de tradução de poesia. Assim, mais do que propor uma discussão extensa e aprofundada sobre tradução de poesia, a oficina se focou em levantar questões teóricas de maneira despretensiosa, sobretudo detendo-se naquelas que poderiam ser enfrentadas na prática, por meio de exercícios de tradução – ou seja, exercícios nos quais os

questionamentos teóricos seriam experimentados, experienciados objetivamente diante do desafio da tradução poética.

Inicialmente, os participantes foram estimulados a refletir sobre a prática da tradução de poesia a partir de alguns questionamentos centrais, pensados para estimulá-los a elaborar algumas primeiras impressões sobre o tema:

O que diferenciaria a tradução literária dos outros tipos de tradução?

E a tradução de poesia, por que ela se tornaria particular?

A quais aspectos devemos prestar mais atenção ao traduzir um poema?

O que um tradutor, uma tradutora de poesia pode ou não fazer?

Vale notar que, dentre os participantes, poucos haviam tido alguma experiência anterior com tradução de poesia e, por isso, essa etapa inicial foi muito importante para incitar reflexões que particularizassem a tradução de poesia em relação à tradução de outros gêneros discursivos textuais. Contudo, uma das unanimidades que apareceu nessa primeira apresentação ao tema foi a constatação de dificuldades que perpassariam esse tipo de tradução. A discussão girou ao redor da noção de que a poesia é, por si só, uma atividade que exige habilidades específicas de leitura, que se relacionam, por exemplo, à apreensão sonora, estrutural, simbólica etc. do texto. Por isso, a tradução de poesia, por sua vez, potencializaria o desafio de identificar o uso de tais técnicas e recriá-las na língua de chegada.

Para dar sequência a essa apresentação ao tema, os participantes foram estimulados a refletir sobre questões relacionadas às especulações presentes no início deste texto, partindo das mesmas referências que apresentei aqui anteriormente. Nesse momento, temas centrais para se pensar teoricamente a tradução, como originalidade, intenção, autoria, fidelidade, criação, pluralidade de sentidos, entre

outros, foram aparecendo e sendo reconduzidos sempre no sentido de refletir sobre a prática da tradução.

A ponte entre essas ponderações iniciais e a prática de fato da tradução de poesia se deu por meio de um pequeno roteiro criado pelo poeta e tradutor, mas também importante pensador dos processos tradutórios, Paulo Henriques Britto. Segundo o autor, baseando-se em suas experiências pessoais e profissionais, a tradução de um poema pode ocorrer de acordo com as seguintes etapas:

1. identificar as características poeticamente significativas do texto poético;
2. atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e
3. recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas – ou seja, tentar encontrar correspondências para elas (BRITTO, 2006, p. 102).

Reconhecido por manter o rigor formal em suas traduções, Britto destaca nesse seu processo tradutório um momento primeiro que antecede a tradução em si, isto é, a imersão e a identificação das características do texto. Nesse ponto da oficina, foi possível delimitar uma espécie de primeira diretriz norteadora da prática da tradução poética: para traduzir poesia, é preciso ler poesia – e de preferência em voz alta. Isto é, só poderemos nos aproximar de fato de um texto poético se pudermos reconhecer seus aspectos particulares, ou “poeticamente significativos”, como define Britto.

Daqui, podemos partir para outra diretriz que fundamenta potencialmente o exercício da tradução poética, a qual coincide com a segunda etapa do roteiro de Britto: toda tradução é uma escolha e, após reconhecermos, por meio da leitura imersiva, aquilo que particulariza o texto poético em questão, deveremos estabelecer aquilo que é mais ou menos significativo esteticamente no poema

para, finalmente, escolhermos o que iremos recriar na nossa tradução – mesmo que, em muitos casos, as etapas sugeridas por Britto não sejam percorridas conscientemente quando estivermos traduzindo de fato. Haverá, então, uma série de subjetividades constitutivas desse processo que acabarão por transparecer organicamente em nossa tradução. O tradutor, a tradutora estará presente como alguém ativo e crítico mediando o texto poético, e suas escolhas irão emergir quando aquele texto estiver sendo recriado em outra língua.

O breve roteiro elaborado por Britto, mais do que funcionar como guia ou modelo indiscutível para a oficina de tradução de poesia, ajudou-nos a identificar que o momento que antecede a tradução é tão importante quanto a tradução em si. Tal imersão no texto de partida envolve conhecê-lo em profundidade e observar com atenção a experiência proporcionada por sua leitura, compreendendo como se dá o funcionamento da linguagem poética e dos sentidos naquele poema em específico e como o trabalho tradutório deverá se empenhar em proporcionar uma experiência estética no texto de chegada. Só assim poderemos pretender recriar, como sugerido na terceira e última etapa do roteiro, essas características e seus efeitos na nossa língua.

Exercícios de tradução

Dando continuidade à oficina, passamos, enfim, às atividades práticas de tradução. E algo que costuma despertar atenção e curiosidade do público participante é pensar sobre a existência de traduções diferentes para um mesmo texto. No caso da tradução de poesia, em que as escolhas de quem traduz interferem diretamente no resultado final do texto traduzido, o fenômeno das múltiplas traduções se torna ainda mais frequente. Por isso, é interessante

notar como um único texto poético pode se multiplicar infinitas vezes a depender do olhar de quem o traduz.

Para observar essa questão na prática, analisamos dois poemas diversos que foram traduzidos por mais de uma pessoa: uma breve estrofe, da poeta estadunidense Emily Dickinson (1830-1886), e um pequeno poema composto por dois dísticos, do poeta italiano Giorgio Caproni (1912-1990). Esse exercício foi inspirado em duas publicações diferentes, as quais se propuseram justamente a reunir traduções diversas para um mesmo poema. No caso de Dickinson, Matheus Mavericco (2018) reuniu 23 traduções para um mesmo poema e publicou o resultado no site *Escamandro*. É interessante observar que não se tratava de 23 tradutores e tradutoras distintos, já que algumas pessoas propuseram mais de uma tradução para o mesmo poema – o que corrobora a ideia de que toda tradução é uma escolha e que uma mesma pessoa pode, inclusive, fazer escolhas diferentes quando optar por efeitos diferentes em sua tradução. No caso de Caproni, são 8 traduções diversas, reunidas em uma postagem do blog *Marca Páginas* (ALVES, 2018).

Após a leitura dos originais e das traduções, os participantes da oficina foram convidados a criar suas próprias traduções para os poemas discutidos. Para a análise aqui proposta, trago o resultado apresentado pelo participante Carlos César da Silva, reproduzido a seguir ao lado do poema original de Dickinson, utilizado durante a oficina:

A word is dead
When it is said,
Some say.
I say it just
Begins to live
That day.

A palavra é perdida
assim que proferida,
é o que ouvi dizer.
Para mim,
é então que ela se encontra,
e enfim começa a viver.

Uma das dificuldades notáveis, que se destaca em uma primeira leitura do poema de Dickinson, é um esquema cerrado de rimas. Silva foi rigoroso ao manter tais rimas, respeitando o paralelo verbal de *dead / said*, por exemplo, com os termos *perdida / proferida*, ou mesmo recriando a rima *say / day* por meio de outro paralelo verbal, menos elaborado por utilizar os verbos no infinitivo: *dizer / viver*. Outra dificuldade imediata é a concisão proporcionada pela língua inglesa, que atribui ao poema um ritmo muito veloz e próprio, determinado inclusive pela métrica dos versos. Silva, em sua tradução, optou por orações mais desenvolvidas, menos lacunares, que adaptam o tempo do poema inglês para uma prosódia brasileira. Vale notar, por exemplo, a extensão do verso *é o que ouvi dizer*, da tradução, se comparada ao conciso *some say*, do inglês. Porém, em alguma medida, essa aceleração da leitura é compensada pelo verso posterior, *Para mim*, que encurta o que em inglês foi dito em 4 palavras: *I say it just*.

No decorrer da oficina, foi sugerido ainda um segundo exercício prático, que tinha uma proposição mais ativa, visto que a atuação dos participantes se daria já a partir da seleção do poema a ser traduzido. A atividade foi desenvolvida em grupos de 2 ou 3 participantes e havia um tempo maior para que eles pudessem pensar nessa tradução. Foi disponibilizada ainda uma lista, contendo algumas sugestões de poemas em língua inglesa e italiana, para que cada grupo pudesse escolher o texto que gostaria de tentar traduzir durante o exercício. Os poemas que compunham essa lista possuíam traduções já publicadas, as quais foram disponibilizadas posteriormente para todos os participantes, de forma que os interessados poderiam conferir e comparar suas próprias traduções com resultados já conhecidos publicamente. No entanto, como o perfil da oficina não determinava idiomas que poderiam ou não ser abordados, a atividade também previa que outras sugestões de poemas em outras línguas pudessem ser dadas. Por isso, um dos grupos, por exemplo, escolheu trabalhar

com a língua espanhola, traduzindo um poema de Pablo Neruda que os próprios participantes escolheram.

Durante a realização do exercício, quando a turma estava dividida em pequenos grupos virtuais, acompanhei, como ministrante da oficina, as salas e pude conversar individualmente com cada grupo enquanto eles trabalhavam. Os resultados alcançados foram expostos e discutidos coletivamente nos minutos finais da oficina, momento em que os participantes foram estimulados a expor suas traduções no estágio em que elas se encontravam, ou seja, mesmo que elas ainda não estivessem finalizadas. Além disso, esta foi a ocasião que eles tiveram para comentar as principais dificuldades encontradas, com quais problemas tiveram de lidar e a quais soluções chegaram durante o exercício. Esse período de autorreflexão sobre o processo tradutório, bem como de trocas entre os participantes, demonstrou ser uma oportunidade preciosa para estabelecer diálogos e criar uma relação de identificação e cumplicidade entre todos os participantes, configurando uma dinâmica de reconhecimento dos desafios enfrentados por si mesmos, mas também pelos outros. Ademais, não restam dúvidas de que o caráter prático da oficina e da própria tradução, contemplado por esses exercícios em que os participantes deveriam *botar a mão na massa* e experimentar de forma empírica a tradução poética, ficou evidente com tal atividade, a qual possibilitou uma circunstância de aprendizagem ativa e pragmática, para além das discussões teóricas.

Para efeito de análise, trago um dos resultados desse segundo exercício, exemplificado aqui pela tradução que os participantes Carlos César da Silva e Samira Spolidorio fizeram do poema “Refusal”, de Maya Angelou, reproduzido abaixo e acompanhado pela respectiva tradução do grupo:

Beloved,
In what other lives or lands
Have I known your lips
Your Hands
Your Laughter brave
Irreverent.
Those sweet excesses that
I do adore.
What surety is there
That we will meet again,
On other worlds some
Future time undated.
I defy my body's haste.
Without the promise
Of one more sweet encounter
I will not deign to die.

Meu amor,
Em que outras vidas ou bosques
Conheci suas carícias
Seus toques,
Seu riso, destemido
e nada contido.
Aqueles doces excessos,
objetos de minha adoração.
Que garantia terei eu
de te rever um dia
em um mundo além,
em um calendário imprevisto.
Resisto ao anseio do meu ser.
Sem a promessa
Do doce reencontro
Não me sujeitarei a morrer.

É possível observar que a tradução de Silva e Spolidorio priorizou, mais uma vez, a recriação das rimas presentes no poema original. Apesar de essa ser uma característica menos evidente se comparada ao poema de Dickinson, não seria interessante ignorar o trabalho com a musicalidade que, sem dúvida, permeia todo o poema de Angelou. Assim, o par de substantivos *lands / hands*, por exemplo, deu lugar, na tradução, à rima *bosques / toques*, expandindo o campo semântico dos termos em inglês, para que fosse possível manter o aspecto sonoro presente nesses versos.

Reproduzo aqui a tradução de Lubi Prates (2020, 1460), disponibilizada para que os participantes pudessem ter acesso a uma tradução já publicada e utilizá-la como referência para suas próprias traduções:

Amado,
Em que outras vidas ou terras
Eu conheci seus lábios
Suas mãos
Sua gargalhada corajosa
Irreverente.
Aqueles doces excessos que
Eu adoro.
Qual garantia nós temos
De que nos encontraremos de novo,
Em outros mundos, em algum
Tempo futuro indefinido.
Eu resisto à pressa do meu corpo.
Sem a promessa
De mais um doce encontro.
Me recuso a morrer.

A tradução proposta por Silva e Spolidorio demonstra que os participantes da oficina foram capazes de utilizar criticamente a tradução de Prates a favor da tradução que gostariam de propor para o poema de Angelou. Logo no primeiro verso, destaca-se a escolha neutra da palavra *Amor* para traduzir *Beloved*, ao invés de *Amado*. Tal escolha reflete uma preocupação dos participantes da oficina em relação ao gênero, masculino ou feminino, da palavra em inglês, que não aparece explicitada em sua flexão, como ocorre no português. Por isso, o efeito criado pelo vocativo *amor* parece ser menos determinante do que *amado*, evitando conduzir ou moldar a leitura do poema logo na primeira linha.

No extremo oposto do poema, isto é, no último verso, Silva e Spolidorio escolhem manter a sentença negativa, como no original, enquanto Prates opta por uma afirmação direta, em que o verbo do título do poema, *recusar*, aparece conjugado afirmativamente. Nos dois casos, o pronome pessoal *eu*, que em inglês é de uso obrigatório no predicado em questão, é suprimido pela conjugação, seja de

sujeitar-se, seja de *recusar-se*. Além disso, as duas traduções preferem traduzir o conteúdo da oração de maneira objetiva, de uma maneira que funcione em português, ainda que isso implique em perder a ressonância criada entre os verbos *deign* e *die*.

Esses breves comentários, tecidos no contexto particular desta análise, não pretendem, obviamente, emitir juízos de valor em relação a nenhuma das traduções mostradas aqui. O que nos interessa especialmente é observar como se dá o funcionamento da reflexão tradutória dos participantes na prática, durante uma oficina de tradução de poesia. Além disso, é um dado importante de ser notado que o contato com outras traduções, por vezes já reconhecidas e publicadas, não é algo que bloqueia ou interfere negativamente no processo criativo esperado para os exercícios de tradução. Para além dessa dimensão, a leitura de outras traduções demonstrou ativar a reflexão crítica dos participantes, espelhando em seus exercícios de tradução aquelas habilidades que, em geral, eles conhecem pela prática de leitura e interpretação.

Considerações finais

A elaboração e o desenvolvimento de uma oficina de tradução de poesia só fariam sentido se os participantes de tal oficina pudessem experimentar a atividade de tradução na prática. Por isso, a experiência da oficina analisada aqui pode proporcionar reflexões importantes sobre as escolhas implicadas na tradução poética. Ainda que o tempo escasso tenha reduzido consideravelmente a imersão na leitura dos poemas a serem traduzidos, as conversas em grupo, bem como as discussões coletivas que ocorreram antes e depois das práticas de tradução, permitiram uma troca produtiva de experiências e a possibilidade de trazer para o nível da consciência tradutória aquilo

que, muitas vezes, fazemos sem nos darmos conta de que estamos fazendo.

Mais do que avaliar a qualidade das traduções dos participantes ou apontar procedimentos corretos ou incorretos durante a tradução de poesia, a proposição de exercícios ativos como os que foram analisados neste texto foi propiciar o contato direto com a prática da tradução e demonstrar que, apesar de permeada por dificuldades próprias, a tradução de poesia é, sim, possível – principalmente quando ela revela que a experiência de tradução de poesia é, também, uma experiência profunda de leitura de textos poéticos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Che cosa resta? *Quodlibet*, 13 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-che-cosa-resta>>. Acesso: 9 mar. 2021.

ALVES, Cláudia Tavares. A tradução de textos literários (Parte 2). *Marca Páginas – Blogs de Divulgação Científica da Unicamp*, v. 4, n. 10, 2018. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2018/10/01/a-traducao-de-textos-literarios-parte-2/>>. Acesso: 9 mar. 2021.

ANGELOU, Maya. *Poesia completa*. Trad. Lubi Prates. Livro digital. Bauru: Astral Cultural, 2020.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*, 5ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. A reconstrução da forma na tradução de poesia. *Eutomia*, v. 16, n. 1, dez. 2015, pp. 102-117.

JUNQUEIRA, Ivan. A poesia é traduzível? *Revista Estudos Avançados*, v. 26, n. 76, 2012, pp. 9-14.

MAVERICCO, Matheus. 23 traduções para um poema de Emily Dickinson (1830-1886). *Escamandro: poesia tradução crítica*, 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://escamandro.com/2018/02/22/23-traducoes-para-um-poema-de-emily-dickinson-1830-1886-por-matheus-mavericco/>>. Acesso: 9 mar. 2021.